



## PSICANÁLISE E GÊNERO : DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS SOBRE OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O MASOQUISMO FEMININO

Martha Giudice Narvaz<sup>1</sup>

### *Discursos científicos e Ideologia*

Conforme Foucault (1966)<sup>2</sup>, as Ciências Humanas e, dentre elas, a Psicologia, delinearam-se enquanto disciplinas científicas na modernidade racionalista, a partir da sistematização de saberes originados de determinadas práticas. Estas práticas tinham por função regular e disciplinar os corpos, os comportamentos e as mentes de homens e de mulheres, a fim de torná-los ajustados à ordem social. Comprometidas com o poder na manutenção de uma ordem social classista, patriarcal, heterossexista e racista, sob a égide do capitalismo industrial, as Ciências nasceram da cumplicidade do poder com o saber. Estes saberes, sistematizados como teorias, tinham interesses que necessitavam ser ocultados. A ideologia, a história e os interesses políticos imbricados na formação dos conceitos e das teorias, dentre elas, as teorias psicológicas, foram apagados. Instituídos como verdades científicas atemporais e desinteressadas, os conceitos psi foram essencializados e universalizados. A despoltização das teorias psi, através da naturalização e biologização dos conceitos, foi a estratégia fundamental desta operação. Os saberes psi, destacando-se aqui as teorias sobre a formação das identidades de gênero, ou melhor, sobre a produção de sujeitos em corpos sexuais, segundo determinado sistema político de relações de gênero (BUTLER, 2004)<sup>3</sup> foram, assim, naturalizados.

Todos os discursos são ideológicos. Ideologia não é um discurso falso, enganador ou manipulador, sentido geralmente tomado no senso comum. Ideologia é o processo de ocultamento e de inversão da realidade que, imaginariamente, é colocada como se estivesse acima dos sujeitos, expropriando-os da capacidade de interferirem nos destinos de suas histórias (PÊCHEUX, 1983)<sup>4</sup>. Essa operação facilita que classes subordinadas aceitem 'naturalmente' esta posição, uma vez invisibilizado o processo de produção destas posições, construídas como dominação-subordinação.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, militante feminista, psicoterapeuta de casais e famílias, especialista na área da violência doméstica (USP) e doutora em psicologia (UFRGS). Email: phoenix@terra.com.br.

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Portugal, 1966.

<sup>3</sup> BUTLER, J. *Undoing gender*. New York, London: Routledge, 2004.

<sup>4</sup> PÊCHEUX, M. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1983.



Mascarar as condições de produção dos saberes instituintes das teorias psicológicas e seus interesses classistas e sexistas têm, ainda hoje, efeitos na constituição do campo científico e na formação *psi*:

Não por acaso nossa formação *psi* tem sido atravessada pelas crenças em uma verdade imutável, universal e, portanto, a-histórica e neutra; numa apreensão objetiva do mundo e do ser humano; em uma natureza específica para cada objeto; em uma identidade própria de cada coisa e nas dicotomias que, por acreditarem nas essências, produzem exclusões sistemáticas. Tais crenças que atravessam, constituem e estão presentes em nossas práticas cotidianas, ao mesmo tempo estão sendo fortalecidas e atualizadas por essas mesmas práticas. Por isso, são tão freqüentes no mundo e, em especial, no *psi*, os binarismos que opõem objetos, conceitos, territórios como teoria e prática, saber e poder, indivíduo e sociedade, macro e micro, interior e exterior, psicologia e política, dentre outros (COIMBRA & NASCIMENTO, 2001, p. 247)<sup>5</sup>.

### *A naturalização cientificista dos discursos psi*

Na modernidade racionalista, as estratégias de naturalização das desigualdades serviram para ocultar sua própria produção a fim de perpetuar o sistema de privilégios masculino. As tentativas masculinas de manter o sistema de dominação outrora assentado sobre a posse do pênis-falo, símbolo da ordem e da tradição, precisavam renovados argumentos, recorrendo, então, aos discursos da natureza, que se misturaram à política (KEHL, 2004)<sup>6</sup>. Algumas teorias psicológicas contribuíram a este projeto de naturalização de verdades, buscando justificar desigualdades sociais, quer de gênero (incluindo-se aí a questão da sexualidade e do desejo), de ‘raça’ ou de classe social. Com base nas supostas diferenças individuais e naturais entre homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos, heterossexuais e homossexuais, travestis e transexuais, ditos(as) pervertidos(as), as diferenças foram convertidas em desigualdades assimétricas baseadas em determinadas hierarquias arbitrárias de valor (SCOTT, 1995)<sup>7</sup>. Foi assim que os homens vetaram às mulheres o direito ao voto e ao estudo, “simplesmente porque elas tinham vagina”, diz Judith Butler (2004, p. 134)<sup>8</sup>.

Explicações sobre as origens psicológicas das diferenças de gênero são encontradas em diversas teorias. A psicanálise, uma destas teorias, embora não possa ser considerada um discurso unívoco (BIRMAN, 1991)<sup>9</sup>, teve grande disseminação pelo discurso científico e social, o que tem, ainda hoje, sérias implicações nos discursos e nas práticas científicas e sociais relativas à

<sup>5</sup> COIMBRA, C.; NASCIMENTO, L. V. O efeito Foucault: Desnaturalizando verdades, superando dicotomias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, n. 17, v.3, 245-248, 2001.

<sup>6</sup> KEHL, M. R. A impostura do macho. Porto Alegre, *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 27, p. 90-102, set. 2004.

<sup>7</sup> SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade: Gênero & Educação*, n. 20, v. 2, 71-99, 1995.

<sup>8</sup> BUTLER, J. *Undoing gender*. New York, London: Routledge, 2004.

<sup>9</sup> BIRMAN, J. Freud e os destinos da psicanálise. In Birman, J; Damião, M. (Orgs.), *Psicanálise: Ofício impossível?* Rio de Janeiro: Campus, 1991, p. 205-230.



constituição da subjetividade e da sexualidade humana. Referencial predominante e com maior poder de difusão no discurso social e nas disciplinas de Psicologia clínica dos cursos de graduação em nosso meio, a psicanálise freudiana clássica – escopo da discussão neste trabalho - é concebida como verdade universal e atemporal em círculos mais conservadores. A psicanálise, sem consideração histórico-crítica, é problemática, cujos pressupostos têm sido contestados e revisados no que tangem à questão da diferença sexual, do feminino e da feminilidade (POLI, 2007)<sup>10</sup>.

*Os processos de subjetivação em Freud: anatomia é destino*

Conforme a psicanalista Maria Cristina Poli (2007)<sup>11</sup>, na psicanálise freudiana, o pênis é o referente material da constituição da diferença sexual. Toda a formulação freudiana sobre o complexo de castração e as consequentes posições subjetivas feminina e masculina organizam-se a partir da primazia do pênis e da masculinidade, e não do significante *falo*, como pretende a corrente lacaniana (RIBEIRO, 2005)<sup>12</sup>. Oscilando em textos de diferentes épocas, a referência à anatomia aparece na famosa frase freudiana ‘anatomia é destino’. O fundamento anatômico, genital, é o dado natural sobre o qual se apóia a sexualidade infantil na definição dos destinos das posições de homens e de mulheres. Ter ou não ter um pênis é a questão definidora destas posições. A diferença situa-se na forma como cada sexo anatômico experimenta o complexo de castração: já que as meninas não têm pênis, devem renunciar ao desejo de possuí-lo, substituindo-o pelo desejo de ter um filho (FREUD, 1925)<sup>13</sup>. Em “*Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*”, Freud (1920a)<sup>14</sup> contradiz o fundamento anatômico como pressuposto para a constituição da identidade sexual, distinguindo três elementos na produção das identificações feminina ou masculina: 1) a identidade psíquica, que oscila entre atividade/passividade; 2) a escolha de objeto; e, 3) os caracteres sexuais anatômicos (POLI, 2007)<sup>15</sup>.

Embora, a partir de 1920, a constituição da masculinidade ou da feminilidade passe a ser um enigma que não se apreende na anatomia, tal enigma é abordado a partir da castração, que se apresenta sempre do lado das mulheres e do feminino. É fundamental sublinhar que, além de não ter

<sup>10</sup> POLI, M. C. *Feminino/masculino: A diferença sexual em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

<sup>11</sup> Op. Cit.

<sup>12</sup> RIBEIRO, P. de C. Gênero e identificação feminina primária. *Psicologia em Revista*, n. 18, v. 11, Belo Horizonte, p. 238-256, 2005.

<sup>13</sup> FREUD, S. *Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica*. Obras completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1925], v. 3, p. 482-491.

<sup>14</sup> FREUD, S. *Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina*. Obras completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1920a], v. 1, p. 1004-1017.

<sup>15</sup> Op. Cit.



assinalado a singularidade psíquica na produção das diversas possibilidades de subjetivação feminina, na medida em que representou o Édipo feminino segundo o modelo do masculino, o discurso freudiano construiu uma imagem das mulheres desvalorizante e inferiorizante (KEHL, 2004)<sup>16</sup>. O feminino, inicialmente associado às mulheres, à castração e à falta do pênis (FREUD, 1912)<sup>17</sup>, foi sendo desvinculado do critério anatômico, permanecendo, entretanto, associado à passividade e ao sentimento de inferioridade, cicatriz resultante da ferida narcísica diante da inveja do pênis. Passivas, castradas e naturalmente masoquistas, no discurso freudiano as mulheres são feitas para o amor e para a maternidade, não devendo ser encorajadas a exercerem uma profissão, dado que “são mais débeis e sua capacidade de sublimação é menor que a dos homens (...); incapazes de militarem pela igualdade, uma vez que seu escasso interesse social e sentido de justiça dependem do predomínio da inveja em sua vida psíquica” (FREUD, 1933, p. 942)<sup>18</sup>, devem submeter-se ao seu destino biológico de serem esposas e mães. A inveja do pênis e a não aceitação de sua passividade e de sua castração as torna neuróticas, perversas e histéricas (FREUD, 1914)<sup>19</sup>, cuja dissimulação busca esconder sua falta através da sedução e de encantos (FREUD, 1933)<sup>20</sup>. A concepção falocêntrica e preconceituosa de Freud aparece também na associação entre passividade e feminilidade: a mulher teria uma tendência natural à passividade, e o homem, uma tendência natural à atividade. Castrada e passiva são equivalentes, uma vez que a passividade seria uma depressão pós-castração (ANDRÉ, 1998)<sup>21</sup>.

Nos seus escritos dos anos 1920 e 1930, Freud enunciou categoricamente que a mulher estava fadada à maternidade. Recuando disso nos ensaios ‘*Sobre a sexualidade feminina*’ (FREUD, 1931)<sup>22</sup>, diz que as mulheres podem ter três diferentes destinos ao descobrirem sua castração: a neurose e a inibição sexual, a virilidade feminina e a maternidade. Portanto, ser verdadeiramente mulher implicaria tanto o reconhecimento de sua condição castrada, pela ausência do pênis, quanto o desejo da maternidade. Caso contrário, a mulher estaria fadada à inibição sexual, à neurose e à perversão, pois alimentaria a pretensão secreta de ter um pênis e de ser um homem. Freud manteve intacto o estatuto das mulheres estabelecido no século XVIII, segundo o qual elas seriam mães por

---

<sup>16</sup> Op. Cit.

<sup>17</sup> FREUD, S. Sobre una degradación general de la vida erótica. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1912], v. 1, p. 967-972.

<sup>18</sup> FREUD, S. Lección XXXIII: La feminidad. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1933], v. 2, p. 931-942.

<sup>19</sup> FREUD, S. Introducción al narcisismo. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1914], v. 5, p. 1083- 1096.

<sup>20</sup> Op.cit.

<sup>21</sup> ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

<sup>22</sup> FREUD, S. Sobre la sexualidad femenina. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1931], v. 3, p. 518-533.



natureza, sendo a maternidade, a fragilidade e a dependência de uma figura masculina traços de sua essência. A única possibilidade efetiva para tornar-se mulher seria a maternidade e, por consequência, deveriam funcionar no espaço familiar, e não no espaço público (BIRMAN, 2001)<sup>23</sup>.

*Desamparo, masoquismo e feminilidade: Deslocamentos discursivos*

A necessidade de desvincular a articulação feminilidade/passividade do discurso desvalorizador no qual ela é habitualmente tomada evidencia-se nas relações entre feminilidade e masoquismo. Em ‘*O problema econômico do masoquismo*’, Freud (1924)<sup>24</sup> teoriza três formas de masoquismo: 1) um masoquismo erógeno ou primário, espécie de reservatório de pulsão de morte investida pela libido e fixada no organismo; 2) um masoquismo moral, que se ligaria a um sentimento de culpa inconsciente; e, 3) um masoquismo “autenticamente feminino”, expresso através das fantasias de ser castrado, copulado, amordaçado, amarrado, espancado, aviltado e humilhado. Há, ainda, uma equivalência entre passivo, infantil e feminino, posição segundo a qual o(a) masoquista deseja ser tratado(a) como uma criança pequena e desamparada, desobediente e travessa que merece ser punida (FREUD, 1919)<sup>25</sup>.

A oposição passividade/atividade, masculino/feminino, bem como a teoria do masoquismo foram repensadas por Freud a partir de reflexões sobre a guerra, sobre a morte e sobre o mal estar na civilização, época na qual elabora o conceito de pulsão de morte. A pulsão de morte indica, para Freud (1920b)<sup>26</sup>, a dimensão de um ‘excesso’ da força pulsional, ameaçador do psiquismo. Frente ao impacto pulsional, o sujeito pode se proteger do real da angústia e do seu desamparo pela colagem submissa e dependente a um outro, emprestando seu corpo de maneira humilhante para o gozo deste. Esta posição masoquista propiciaria certa proteção ao sujeito diante da angústia produzida pelo desamparo. O sujeito se inscreveria no registro da servidão, pela mediação do masoquismo, para se subtrair da angústia do real e de seus efeitos traumáticos (BIRMAN, 1996)<sup>27</sup>.

---

<sup>23</sup> BIRMAN, J. *Gramáticas do erotismo: A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>24</sup> FREUD, S. El problema económico del masoquismo. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1924], v. 1, p. 1023-1030.

<sup>25</sup> FREUD, S. Pegan a un niño: Aportación al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1919], v. 3, p. 1181-1193.

<sup>26</sup> FREUD, S. Mas allá del principio del placer. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1920b], v. 1, p. 1097-1126.

<sup>27</sup> BIRMAN, J. *Por uma estilística da existência: Sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Editora 34, 1996.



Freud (1933)<sup>28</sup> aborda, na Conferência XXXIII sobre ‘A feminilidade’, as relações entre desamparo, masoquismo e feminilidade, que passa a ser concebida como condição originária dos sujeitos, independente de seu sexo anatômico, ou seja, representa a outra face da experiência do desamparo, na medida em que indica a perda dos emblemas fálicos para ambos os sexos/gêneros. Neste sentido é que a posição da feminilidade seria aquela que produziria horror tanto a homens quanto a mulheres diante do confronto com a perda da arrogância fálica, seja por não mais se sentirem superiores pela posse do pênis/falo, seja pela inveja do pênis. Seria para esta desfalicização e para o desvanecimento narcísico que nos remete a feminilidade, para além da diferença sexual. A aceitação da feminilidade equivale à aceitação da castração e à condição originária do sentimento de incompletude e de desamparo, cujo repúdio denuncia que o sujeito tende a se defender dessa experiência através do reforço de investimentos fálico-narcísicos. Vai-se deslocando, no discurso freudiano, uma figura de sujeito na qual o desamparo passa a ser o traço básico (BIRMAN, 1999)<sup>29</sup>.

Diante destas reformulações, as concepções sobre o masoquismo foram revisadas: haveria um primado do masoquismo não só nas mulheres, pois a submissão a um outro pode ser experienciada por quaisquer sujeitos como saída da condição de angústia gerada pelo desamparo. Entretanto, apesar desse deslocamento, uma vez que o desejo masoquista é o de se colocar em uma posição infantil, passiva, submissa e/ou desamparada, cujo protótipo é a dependência infantil diante de um outro pretensamente poderoso e protetor, o jogo que o(a) masoquista encena é o lugar reservado às mulheres na cultura, em contraste à posição masculina, ativa e dominante (BATISTA; PINHEIRO, 2000).<sup>30</sup>

A possibilidade de inscrição das mulheres na posição passiva e masoquista aparece como saída para o desamparo e para a angústia gerados por uma organização social que lhes circunscrevia o lugar de esposa e mãe, dependentes da figura masculina, provedora e protetora. Isso era especialmente acentuado na Viena vitoriana de Freud, filho do patriarcado judeu vienense de fim de século XIX (BERTIN, 1990)<sup>31</sup>, que se enuncia desde desde uma posição burguesa, patriarcal e conservadora, marcada pelo falicismo de seu tempo (ASSOUN, 1993)<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup> FREUD, S. Lección XXXIII: La feminidad. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1933], v. 2, p. 931-942.

<sup>29</sup> BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>30</sup> BATISTA, A.; PINHEIRO, N. *Masoquismo feminino e um para além da lógica fálica*. *Letra Freudiana*, n. 11, v. 10, p. 182-188, 2000.

<sup>31</sup> BERTIN, C. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas: Papirus, 1990.

<sup>32</sup> ASSOUN, P. *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.



Segundo Sílvia A. Nunes (1998)<sup>33</sup>, durante o século XIX, pode-se observar a construção, nos discursos médicos e filosóficos, de uma representação da mulher ideal como frágil, maternal e assexuada, convocada a assumir esta posição em nome de uma pretensa normalidade. No lugar do instinto sexual, propõe-se a existência de um instinto materno, advogando-se que a relação com o marido devesse ser de subserviência, dado o desejo inato de submissão nas mulheres e sua capacidade natural de suportar dores e sofrimentos atestada pela gestação e pelo parto. A idéia de que as mulheres seriam dotadas de maior capacidade de sofrimento ganha cada vez mais adeptos, o que prescreve o casamento como um sacrifício ao qual elas deveriam se submeter, alegre e passivamente. Delineia-se um ideal de feminilidade passivo, maternal, submisso e assexuado. A maternidade e o casamento eram a fonte da felicidade das mulheres. Toda a educação feminina voltava-se a estas concepções, reprimidas as necessidades de independência das mulheres e de interesses externos à esfera doméstica, quer no âmbito das Artes, das Ciências ou da Política. Mulheres que revelavam tais interesses ou inteligência exacerbada eram anormais ou assexuadas. Comportamentos e aspirações femininas que escapassem ao binômio casamento-maternidade eram ‘excessos’ da sexualidade. Patologizados e medicalizados os desejos das mulheres que não correspondiam ao ideal normatizado pela cultura, aparece a histérica, feminilidade rebelde e perigosa que renega a posição passiva e a renuncia, procurando preservar sua potência como um protesto contra o jugo da submissão (KEHL, 1998)<sup>34</sup>. Às históricas eram, no entanto, reservadas as duchas frias, as camisas-de-força e as mutilações cirúrgicas, forma de suprimir sua sexualidade e a contestação à ordem patriarcal (BERTIN, 1990)<sup>35</sup>.

É fundamental resgatar a historicidade da produção dos discursos sobre a mulher que, nos tempos de Freud, encontrava-se aprisionada numa rede social da qual era inteiramente dependente e que a abandonava a seu próprio desamparo. É nesse cenário que aparece a teorização sobre a posição masoquista, possibilidade simbólica de se constituir como sujeito frente a uma ordem social adversa a qualquer aspiração que não correspondesse ao ideal prescrito. O masoquismo feminino poderia ser uma alternativa possível para a mulher ter acesso a uma experiência erótica e uma defesa contra o desamparo, inscrevendo-se no registro da servidão para se proteger da angústia. A subjetividade masoquista é uma forma possível de inscrição do sujeito na ordem da cultura, possibilidade esta que não é exclusiva e nem natural das mulheres. O que tornou essa possibilidade

---

<sup>33</sup> NUNES, S. A. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In BRUSCHINI, C; HOLLANDA, H. B. (Orgs.), *Horizontes plurais: Novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998. p. 225-248.

<sup>34</sup> KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

<sup>35</sup> Op. Cit.



mais concreta para elas foi o fato de terem menores possibilidades de reassuramento social para seu desamparo, o que se contrapõe ao discurso ideológico de uma suposta natureza feminina submissa, passiva, dependente e masoquista. Diante da condição de desamparo na qual se encontravam as mulheres do final do século XIX, o masoquismo aparecia como uma possibilidade real de inscrição do sujeito feminino na ordem cultural, sendo a histórica a figura que emergiu como protesto ao torniquete imposto pelo ideal de feminilidade então vigente - maternal, passivo, assexuado. A masoquista seria aquela que, deparando-se com um universo restrito de insígnias fálicas, aceitava o jogo mortífero da sujeição, tentando escapar ao desamparo, à dor e ao sofrimento, obtendo aí alguma possibilidade de prazer e de existência. O modelo de mulher que se sacrifica e abre mão de sua condição de sujeito em nome do homem, tornando-se vital para ele, apresentava-se como uma possibilidade de identificação para a mulher, sintonizada com o desejo masculino, destino que a cultura lhe reservava. Esta operação reassurava ao parceiro sua potência, encobrendo a condição de desamparo que também o ameaçava, tornando-se imprescindível a seus olhos e ganhando valor positivo e erótico para sua vida masculina (ASSOUN, 1993)<sup>36</sup>. Além disso, “o masoquismo feminino, condizente com a natureza das mulheres, era a condição de possibilidade para o sucesso do casamento e da ordem familiar burguesa. Sem uma boa dose de masoquismo por parte das mulheres, esse modelo não se sustentaria” (NUNES, 1998, p. 229)<sup>37</sup>.

### *Considerações finais*

Todos os artifícios e dispositivos de uma época estiveram voltados para a produção de subjetividades femininas conforme as normas de gênero prescritas pela ordem social, ideologicamente canceladas por discursos que, no caso das mulheres, “as pretendem passivas para instrumentar sua sujeição” (ASSOUN, 1993, p. XIII)<sup>38</sup>. O masoquismo, a passividade e o desejo de servidão sexual inscrevem-se, portanto, não em uma pretensa natureza feminina, mas na história da produção ideológica das subjetividades em gêneros, imaginário encontrado ainda hoje em algumas correntes de pensamento das teorias psicanalíticas, ao que devemos problematizar. As mulheres não são naturalmente masoquistas, mas o masoquismo arremeda, na posição de objeto de gozo do Outro, a suposição de um gozo feminino (BATISTA; PINHEIRO, 2000)<sup>39</sup>. Em meio à observação sobre a crise das psicoterapias e da psicanálise, nestes tempos de biologização, medicalização e

---

<sup>36</sup> Op. Cit.

<sup>37</sup> Op. Cit.

<sup>38</sup> Op. Cit.

<sup>39</sup> Op. cit.





mercantilização da existência (BIRMAN, 1999)<sup>40</sup>, há que se desvelar e problematizar estes discursos que nos subjetivam e que fundamentam nossas práticas. Concordamos com Joel Birman (1996)<sup>41</sup>, ao apontar para a necessidade imperiosa de reinvenção da psicanálise à luz da experiência contemporânea, na perspectiva da possibilidade de uma clínica do cuidado de si com a ausência dessas figuras totalizantes e normalizadoras, destacando-se aqui a condição 'naturalmente' passiva, maternal e masoquista das mulheres.

### Referências

- ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ARÁN, M. *O avesso do avesso: Feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- ASSOUN, P. *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- BATISTA, A.; PINHEIRO, N. *Masquismo feminino e um para além da lógica fálica*. *Letra Freudiana*, n. 11, v. 10, p. 182-188, 2000.
- BERTIN, C. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas: Papirus, 1990.
- BIRMAN, J. Freud e os destinos da psicanálise. In Birman, J; Damião, M. (Orgs.), *Psicanálise: Ofício impossível?* Rio de Janeiro: Campus, 1991, p. 205-230.
- \_\_\_\_\_. *Por uma estilística da existência: Sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Gramáticas do erotismo: A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BUTLER, J. *Undoing gender*. New York, London: Routledge, 2004.
- COIMBRA, C.; NASCIMENTO, L V. O efeito Foucault: Desnaturalizando verdades, superando dicotomias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, n. 17, v.3, 245-248, 2001.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Portugal, 1966.
- FREUD, S. Sobre una degradación general de la vida erótica. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1912], v. 1, p. 967-972.
- \_\_\_\_\_. Introducción al narcisismo. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1914], v. 5, p. 1083- 1096.

---

<sup>40</sup> Op. Cit.

<sup>41</sup> Op. Cit.



\_\_\_\_\_. Pegan a un niño: Aportación al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1919], v. 3, p. 1181-1193.

\_\_\_\_\_. Mas allá del principio del placer. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1920b], v. 1, p. 1097-1126.

\_\_\_\_\_. Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1920], v. 1, p. 1004-1017.

\_\_\_\_\_. El problema económico del masoquismo. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1924], v. 1, p. 1023-1030.

\_\_\_\_\_. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1925], v. 3, p. 482-491.

\_\_\_\_\_. Sobre la sexualidad femenina. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1931], v. 3, p. 518-533.

\_\_\_\_\_. Lección XXXIII: La feminidad. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967 [1933], v. 2, p. 931-942.

KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

\_\_\_\_\_. A impostura do macho. Porto Alegre, *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 27, p. 90-102, set. 2004.

NUNES, S. A. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In BRUSCHINI, C; HOLLANDA, H. B. (Orgs.), *Horizontes plurais: Novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998. p. 225-248.

PÊCHEUX, M. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1983.

POLI, M. C. *Feminino/masculino: A diferença sexual em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

RIBEIRO, P. de C. Gênero e identificação feminina primária. *Psicologia em Revista*, n. 18, v. 11, Belo Horizonte, p. 238-256, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade: Gênero & Educação*, n. 20, v. 2, 71-99, 1995.